

PROCESSOS EDUCATIVOS ESTÉTICOS NÃO FORMAIS COM DEPENDENTES QUÍMICOS: SIGNIFICAÇÕES NO RESGATE À SAÚDE

Graciela Ormezzano¹
Franciele Silvestre Gallina²
Gesica Cristina Albani³

RESUMO: Este artigo aborda os processos educativos estéticos não formais promovidos numa instituição hospitalar. O objetivo do estudo consistiu em investigar a significação da oficina de educação estética com atividades arteterapêuticas realizada no hospital com um grupo de pessoas que possuíam diversas síndromes relacionadas ao abuso e à dependência de substâncias psicoativas. O grupo era composto por cinco homens e duas mulheres, adultos jovens, apresentando diferentes níveis de dependência química e havendo sofrido situações de violência distintas que marcaram suas vidas. O instrumento utilizado na coleta de informações consistiu nas observações registradas num diário de campo. Optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa. A metodologia de compreensão das informações foi de cunho hermenêutico simbólico, porque se ancora na teoria do imaginário formulada por Durand (2001), sendo o imaginário compreendido como reduto transcendental que permite a simbolização da realidade, pela evocação das imagens visuais arquetípicas, e utiliza a arte como linguagem para comunicar tais conteúdos internos. A trajetória do texto aborda a revisão de literatura, a descrição e a interpretação do fenômeno, de modo a contemplar não só os aspectos manifestos da dependência ou do abuso de substâncias psicoativas, mas também seus aspectos sadios.

PALAVRAS-CHAVE: educação estética; arteterapia; dependência química; educação não formal.

PROCESOS EDUCATIVOS ESTÉTICOS NO FORMALES CON DEPENDIENTES QUÍMICOS: SIGNIFICACIONES EN EL RESCATE DE LA SALUD

RESUMEN: Este artículo trata de los procesos educativos estéticos no formales realizados en un hospital psiquiátrico. El estudio objetiva investigar la significación

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Arteterapia da Universidade de Passo Fundo; tutora do PET-Saúde/Redes. E-mail: gormezzano@upf.br

² Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo; doutoranda na mesma instituição e bolsista CAPES. E-mail: franciele_82@yahoo.com.br

³ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – LP na Universidade de Passo Fundo e bolsista PIBIC/UPF. E-mail: 119729@upf.br

del taller de educación estética con actividades arte terapéuticas realizado en el hospital con un grupo de personas con diversas síndromes relacionadas al abuso y a la dependencia de drogas. El grupo estaba compuesto por cinco hombres y dos mujeres, todos adultos jóvenes, presentando diferentes niveles de drogodependencia y habiendo sufrido situaciones de violencia de diferentes tipos que marcaron sus vidas. El instrumento usado para recoger los datos fueron las observaciones registradas en un diario de campo. Se trata de una investigación de tipo cualitativa cuya metodología fue de tipo hermenéutico simbólico, porque se fundamenta en la teoría del imaginario formulada por Durand (2001), siendo el imaginario comprendido como reducto transcendental que permite la simbolización de la realidad, por la evocación de las imágenes visuales arquetípicas y utiliza el arte como lenguaje para comunicar tales contenidos internos. La trayectoria del texto trae una revisión de literatura, la descripción y la interpretación del fenómeno, de modo a contemplar no solo los aspectos manifiestos en la drogodependencia o en el abuso de sustancias, sino también sus aspectos saludables.

PALABRAS LLAVE: educación estética; arte terapia; drogodependencia; educación no formal.

O FORMAL AESTHETIC EDUCATION PROCESSES WITH CHEMICAL DEPENDENTS: MEANINGS IN THE RESCUE OF HEALTH

ABSTRACT: This article discusses the aesthetic non-formal educational processes promoted in a hospital. The aim of the study was to investigate the significance of aesthetic education workshop with art therapy activities performed in the hospital with a group of people who had various syndromes related to abuse and dependence on psychoactive substances. The group consisted of five men and two women, all of them young adults, presenting different levels of addiction and having experienced different situations of violence that marked their lives. The instrument used for data collection consisted of observations registered in a field diary. We opted for the qualitative study. The methodology of understanding the information was hermeneutic nature symbolic, because it based on the imaginary theory formulated by Durand (2001), and the imaginary understood as transcendental stronghold that allows symbolization of reality, the visual evocation of archetypal images, and uses the art as a language to communicate such internal contents. The trajectory of the text deals with the literature review, the description and interpretation of the phenomenon, so as to include not only the obvious aspects of addiction or substance abuse, but also respects healthy .

KEYWORDS: aesthetic education; art therapy, dependence on psychoactive substances; non-formal education.

UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO

O crescimento da criminalidade e da violência é um fenômeno mundial; portanto, a violência também se instaurou no seio da sociedade brasileira. Quanto a isso, não há dúvidas; é só assistir os programas televisivos, ler os jornais, as revistas ou a *web*, ouvir os comentários em casa, no trabalho ou na rua sobre diversos tipos de agressões físicas ou simbólicas, em todas as classes e em todos os grupos sociais, ocupando diferentes espaços no campo e na cidade.

Desde uma perspectiva cultural, Costa e Pimenta afirmam que

[...] a violência é parte do viver, do presente, e está no trânsito, nas casas, nas ruas, nas escolas, no tráfico de drogas, no Estado, nas relações de gênero e de poder e nas instituições (policiais, judiciárias, hospitalares, educacionais, entre outras). A violência não é somente um reflexo da violência urbana e nem exclusivamente se vincula às estruturas sociais injustas, às desigualdades econômicas, à inércia do Estado ou à desestruturação da ordem legal. Em campo aberto a violência ganha dimensão de excesso, banal, brutal, vazia, espetacular, desconectada e, aparentemente, para muitos sem sentido e sem conteúdo (2006, p. 65).

A configuração da violência nem sempre aparece claramente; por vezes, torna-se difusa, suscita questões pessoais, interpessoais e ambientais. Na atualidade, é preciso enfrentar situações de risco que podem levar a um estado permanente de temores e inseguranças que se refletem no seio da cultura. Segundo Mèlich (1996), existem três constantes culturais que se repetem em todos os mundos da vida: a violência, o sexo e a morte. Esses três motivos podem compreender-se desde o universo simbólico: o signo, o símbolo, o mito e o rito.

O signo é uma parte do mundo físico; entretanto, o símbolo faz parte do mundo do significado. Signo implica matéria, podem ser palavras, gestos, sons ou imagens que possuem conotações especiais. O símbolo vai além do significado convencional do signo; implica algo oculto ou tem um aspecto inconsciente, amplo e não inteiramente definido. A função simbólica manifesta a energia psíquica por meio de objetos e acontecimentos, dando significado às ações sociais. O ser humano depende de símbolos para orientar-se no cotidiano, no qual não há fatos naturais, senão fatos

interpretados por alguém. O mito, por sua vez, é uma narrativa que trata de temas fundamentais na concepção da vida e do mundo. O rito, por fim, diz respeito à execução do mito, mas este último pode desenvolver-se sem a ação do primeiro. Contudo, torna-se difícil determinar pela forma do mito e do ritual qual dos dois possui a preeminência sobre o outro. Não existem sociedades sem ritos, porque estes organizam a vida cotidiana, marcam o tempo e delimitam o espaço (MÈLICH, 1996).

Não há mais como considerar a dimensão da cultura à margem do ser humano e da educação. A educação, nesse sentido, pode ser entendida como a ação social simbólica que promove um processo intersubjetivo num tempo-espaço determinado. Este artigo não pretende abordar os decursos escolares, mas os processos educativos estéticos não formais promovidos numa instituição hospitalar, porque não é possível a existência de uma política educacional que desconsidere as ações necessárias a esse universo em âmbitos externos ao sistema, uma vez que nem todas as necessidades da educação podem ser contempladas pela escola.

O cenário da pesquisa foi um hospital psiquiátrico que presta atendimento multidisciplinar em saúde mental nos episódios agudos de transtornos mentais e dependências químicas. Entende-se por dependências químicas os estados mentais e/ou físicos que resultam da interação entre um organismo vivo e uma droga psicoativa, ou seja, qualquer substância química que modifique as funções do sistema nervoso central. A dependência implica na compulsão de experimentar o efeito da droga ou evitar o desconforto causado pela sua ausência (DALGALARRONDO, 2000).

Esse hospital está localizado em uma cidade do norte do Rio Grande do Sul, fazendo parte de um complexo hospitalar que conquistou a certificação de Hospital de Ensino, e busca contribuir com a inserção dos internos no contexto social. No intuito de colaborar nesse contexto, organizou-se uma oficina educativa estética com atividades arteterapêuticas. A organização simbólica estabeleceu-se de forma compartilhada entre os atores sociais do hospital, definindo-se dias e horários para os encontros.

Os participantes desta investigação foram pessoas hospitalizadas por fazerem abuso de substâncias psicoativas. O motivo que levou a essa escolha foi o entendimento de que o uso ilícito de drogas tornou-se mais do que

um problema da área jurídica criminal; transformou-se em um problema para ser resolvido pela saúde pública e pela educação, na medida em que a dependência química é causa de frequentes internações nos hospitais psiquiátricos. A esse motivo soma-se a noção de que os usuários precisam ter acesso a processos educativos que fortaleçam o autoconhecimento, a autonomia, a cidadania e os laços familiares e comunitários.

A educação estética pressupõe desenvolver a percepção, a sensibilidade, o afeto, a imaginação, a criatividade, despertando no ser humano um olhar sobre si mesmo e sobre suas necessidades sem desconsiderar as diversas formas de socialidade e o posicionamento ético perante o mundo. A socialidade, escreve Maffesoli, “[...] não pode mais ser reduzida ao ‘social’ moderno, dominado pela razão, a utilidade e o trabalho. Muito pelo contrário, ela integra os parâmetros essenciais (e normalmente desprezados) que são o lúdico, o onírico e o imaginário” (2004, p. 149). Esses parâmetros podem impulsionar o ato criador, que é fundamental em arteterapia, área transdisciplinar que promove a interface da arte, da educação, da psicologia e da mitologia com os mais diversos sistemas de crenças, resgatando, por meio das artes visuais, a possibilidade de utilizar recursos pessoais para contatar a interioridade.

A oficina realizada no hospital foi desenvolvida ao longo de seis encontros, cada qual com duração de duas horas, duas vezes por semana, tendo em vista que os participantes não podem ficar mais de quinze dias hospitalizados, exceto quando solicitam internação por um tempo maior. O objetivo do estudo consistiu em investigar a significação da oficina de educação estética realizada nesse hospital com um grupo de pessoas que possuíam diversas síndromes relacionadas ao abuso e à dependência de substâncias psicoativas. Esse grupo era composto por cinco homens e duas mulheres, todos adultos jovens, com idades entre 29 e 34 anos, oriundos de várias cidades do norte do Estado do Rio Grande do Sul, apresentando diferentes níveis de dependência química e havendo sofrido situações de violência distintas que marcaram suas vidas.

Na instituição, foi elaborado um plano de intervenção pela equipe técnica, incluindo a oficina de educação estética, da qual os internos selecionados por essa equipe participaram de forma grupal. O trabalho de

grupo esteve focado em atividades arteterapêuticas que incluíram recorte e colagem, pintura, modelagem em argila, reciclagem de papel, gravura e desenho. Assim, justifica-se a utilização dessa oficina porque, quando realizada com dependentes químicos, podem auxiliá-los a encontrar um novo significado para suas vidas.

O instrumento utilizado na coleta de informações consistiu em observações que foram registradas num diário de campo. Optou-se pela pesquisa de abordagem qualitativa. A metodologia de compreensão das informações foi de cunho hermenêutico simbólico, porque se ancora na teoria do imaginário formulada por Durand (2001), sendo o imaginário compreendido como reduto transcendental que permite a simbolização da realidade, pela evocação das imagens visuais arquetípicas, e utiliza a arte como linguagem para comunicar tais conteúdos internos.

A trajetória do texto aborda as relações entre o consumo abusivo de substâncias psicoativas, a violência e a educação estética com dependentes químicos, seguindo com a descrição e a interpretação do fenômeno, conforme se mostrou ao longo da oficina, somado àquilo que foi percebido por todos os componentes do grupo, na tentativa de compreender o processo vivenciado, de modo a contemplar não só os aspectos manifestos da dependência ou do abuso de substâncias psicoativas, mas também seus aspectos sadios.

SOBRE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Para melhor compreensão dos significados aqui tratados, percebe-se necessária uma breve introdução ao contexto de consumo de substâncias psicoativas, para que, posteriormente, se possa refletir sobre a relação deste com a violência e a educação estética.

Ao longo da história, constatam-se diversos relatos referentes ao consumo e à produção de drogas. Muitas substâncias que hoje são consideradas nocivas para a saúde, em outros períodos, foram utilizadas na fabricação de elixires, considerados poderosos analgésicos usados para a cura do ser humano, bem como em eventos recreativos, ritualísticos e

sociais. A finalidade do uso e da produção de substâncias modificou-se ao longo dos tempos, embora o consumo já existisse, ainda que, às vezes, sob pretextos diferentes. Portanto, como afirmam Nunes et al., “[...] seria uma hipocrisia falar e acreditar numa sociedade sem drogas” (2010, p. 17). Entretanto, nas últimas décadas, os indicadores que serão citados mais adiante apontam que o consumo vem tomando proporções alarmantes, indicando a necessidade de uma visão diferenciada sobre o assunto.

Assim, a dependência química, atualmente, vem sendo vista por uma perspectiva de integralidade, que envolve diversas áreas do conhecimento na acolhida aos usuários de drogas. Durante muito tempo, porém, aqueles que apresentavam quadros de dependência dessa natureza eram marginalizados, pois se pensava que esse era um problema estritamente relacionado ao caráter das pessoas, tanto que se as trancafiava em hospitais psiquiátricos, exilados da sociedade, onde perdiam importantes laços, bem como a possibilidade de (re)inserção social.

Segundo Siqueira, esse cenário desumano estava amparado pela lei, independentemente de quem fossem os sujeitos envolvidos:

[...] em 1934, surgia a primeira versão daquela que se tornaria a primeira “Lei de Drogas” do Brasil e que já marginalizava os usuários. Na verdade, essa lei não foi a primeira a tratar do tema, mas fazia referência à “toxicomania”, definindo-a, a exemplo da França (em 1917) e de outros países, como crime no mesmo nível com que tratava os “alcoólatras, doentes mentais, mendigos, etc.” (2010, p. 65).

Então, compreende-se que o dependente químico, na época em pauta, era visto como um criminoso, e não como uma pessoa com problemas de saúde que precisava de amparo legal e cuidados especiais. Nesse sentido, não se tratava o caso considerando a necessidade compulsiva que as pessoas apresentavam em relação aos efeitos físicos e/ou psicológicos de uma ou várias drogas. Os dependentes eram vistos como sujeitos de má índole que viviam fora da lei.

Com o passar do tempo e o avanço dos estudos psicossociais, essa visão foi mudando, e alguns passos começaram a ser dados. Trazendo essa reflexão para nossa proximidade, no século passado, foi instaurada no Brasil uma estratégia ligada à Redução de Danos, discutida por Mesquita (2012).

Tal estratégia foi empregada na tentativa de amenizar problemas de saúde e sociais ocasionados pelo consumo de drogas, sem, no entanto, impor a abstinência como parte do tratamento.

Sabe-se que as áreas mais preocupantes são a educação e a saúde, as quais carecem de grandes investimentos em termos de políticas públicas, como a qualificação de profissionais para lidar com a questão em específico dentro dos hospitais ou centros médicos; a prevenção nas escolas; os cuidados que precisam considerar pessoas das mais variadas idades e a legislação adequada para não marginalizar ou estigmatizar os usuários de serviços públicos de atenção. Entre as intenções das estratégias de Redução de Danos, verifica-se o fato de que o dependente químico se sinta à vontade ao procurar auxílio nos programas de atendimento de saúde pública.

Segundo estudo desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2013), o perfil dos usuários de crack/similares, bem como outras substâncias psicoativas no Brasil é predominantemente masculino (78,7%), com idade média de 30 anos, solteiros (60,6%), com escolaridade até o ensino fundamental (55%) que desenvolvem atividades ilícitas relacionadas a tráfico de drogas, furtos, roubos e sexo em troca de dinheiro.

Contudo, não é fácil resistir à atração que as drogas exercem. Qualquer pessoa que não esteja dentro do perfil citado pode apresentar um comportamento sabidamente prejudicial porque a droga simplesmente lhe proporciona prazer. Assim, o sujeito que abusa de drogas pode estar manifestando esse comportamento como uma forma de comunicar que algo consigo não vai bem, que precisa ser ouvido, que tem dificuldades e necessidades existenciais, talvez, de preencher um vazio interior. Nesse caso, drogar-se pode ser um pedido de socorro.

Ainda baseando-se no estudo desenvolvido pela Fiocruz (2013), a motivação subjacente ao uso de drogas está fortemente relacionada à curiosidade sobre o seu efeito (58,3%). Isso é seguido dos problemas familiares e/ou das perdas afetivas (29,2%), bem como da pressão feita pelos amigos (26,7%), sendo menos citados no estudo os motivos causados pelo afastamento do trabalho e pela falta de perspectiva na vida. Vale salientar, aqui, que nem todas as pessoas que têm contato com drogas ou as consomem são dependentes, pois a doença engloba diversas questões em sua causa:

[...] o consumo abusivo de substâncias psicoativas pode trazer relevantes danos sociais e à saúde, porém em se tratando do consumo de substâncias psicoativas é preciso atentar para as múltiplas formas de uso de diferentes substâncias e que nem todas as pessoas que usam drogas têm problemas com seu uso, pois existem diferentes níveis de consumo que podem ou não caracterizar o uso problemático (NUNES, et al., 2010, p. 16).

São inúmeras as questões pessoais e sociais que podem tornar desenfreado ou controlado o uso de tais substâncias. Seria necessária a compreensão de que as questões relacionadas às drogas e à dependência possuem um longo histórico e que pensá-las de forma isolada do tempo-espaço da cultura não ajudará a solucionar os problemas que lhe são inerentes.

Faz-se necessário destacar, também, o papel da mídia na construção dessa realidade, a qual contribui para a exacerbação do consumo de uma forma desenfreada, ao anunciar que, para sentir-se “alguém”, muitas vezes os seres humanos precisam consumir a qualquer preço, julgando que obterão um lugar na sociedade, mesmo que seja simplesmente de aparência. Esse consumismo, como a ausência de uma relação de respeito e reconhecimento entre pares, pode ser um dos motivos pelos quais a violência está presente em nosso cotidiano. Afinal, o sujeito que não tem acesso aos bens desse contexto social acaba cometendo atrocidades para não ser discriminado: ou ele se autovaloriza, ou, num sentimento de impotência diante do contexto, ele pode recorrer ao uso de substâncias químicas em busca de conforto ou prazer.

Sendo assim, o ser humano precisa ter acesso à formação de uma consciência sobre seus direitos e deveres como cidadão; ter consciência de que seu caráter vale muito mais que seus bens, de que um simples objeto não pode incluí-lo ou excluí-lo da sociedade. Porém, pessoas que nascem e crescem num ambiente familiar em que inexistem as mínimas condições de dignidade humana, na maioria das vezes, não alcançam essa compreensão; tornam-se violentas. No entanto, também aderem à violência jovens da classe média ou alta que têm tudo o que desejam em termos materiais.

De acordo com Ormezzano e Gallina (2011), os sujeitos que passaram por situação de algum tipo de violência podem ter aprendido esse

comportamento, sem encontrar outro modo de defender-se na vida. Nem sempre uma situação de carência material implica violência, mas, segundo as autoras, o sentimento de vulnerabilidade é um traço que se esconde nas ações violentas do cotidiano e que decorre da falta de perspectivas futuras, da insegurança de seres humanos que buscam um lugar que muitas vezes lhes é negado, que buscam expressar-se, que se sentem incompreendidos.

Então, pode-se afirmar que a violência é, também, a ausência de diálogo e mediação, fazendo emergir um poder aparente, tendo em vista que o verdadeiro poder funda-se na participação e no diálogo, na democracia. Nesse caso, a violência é instrumental, destrutiva, contrariamente ao poder, que é legítimo; se o poder não é legítimo, não será poder, mas violência, que rompe com a possibilidade de as pessoas serem reconhecidas pelos seus valores.

À medida que os sujeitos vão buscando seu lugar na sociedade, questionando-se sobre suas capacidades e necessidades, quando se deparam com a impossibilidade da interação e do diálogo, instaura-se o conflito. Nessa direção, Cenci (2013), ao tecer algumas reflexões sobre a ideia de conflito em Honneth, destaca que este ousou defender a posição de que as esferas do amor, do direito e da estima social colocam-se acima do nível das instituições sociais e jurídicas, abrindo espaço para uma discussão sobre o papel do conflito na formação humana.

Sabe-se que as experiências de desrespeito estão na base dos conflitos e que estes fundamentam a formação humana. O tema conflito, na perspectiva do autor, está vinculado à violação das condições de reconhecimento que afetam diretamente a identidade do sujeito e sua capacidade de autorrealização, lembrando sempre que esse é um processo que implica transformação e que, quando aniquilado, pode gerar violência. Considera-se, assim, o conflito como mola propulsora na luta pelo reconhecimento que se pode dar por duas vias: quando há lesão do ego, aqui entendida como rebaixamento do próprio valor do sujeito, o que pode construir um cenário de violência, ou por meio de uma educação pautada por princípios ético-estéticos que podem transformar os conflitos do cotidiano em instrumentos valiosos, na construção de um espaço autônomo de reflexão e ação que permita ao ser humano enfrentar seus conflitos

personais e sociais, para estabelecer uma relação de respeito e reconhecimento recíprocos.

É difícil dizer que a violência tem uma única fonte, pois não se sabe o que se passa no íntimo de cada um sem conhecer sua história, do mesmo modo que não se pode julgar por que alguns matam para “matar” a fome se nunca se precisou vivenciar essa experiência. Quer dizer, “[...] é na alma humana que reside a maior origem do problema da violência. E não existe maior violência do que negar ao ser humano as condições para que ele desenvolva suas potencialidades, especialmente éticas, estéticas, intelectuais e espirituais” (ZAUZA, 2003, p. 10).

Ao tentar compreender o sentido de tal frase, faz-se evidente a necessidade de uma reflexão sobre processos educativos que possibilitem aos sujeitos condições para o desenvolvimento de tais potencialidades, para que tenham consciência de si, de seus direitos, deveres e das múltiplas possibilidades de sua participação na sociedade. Diante disso, enfatiza-se nessa discussão a educação estética, pautada na formação humana, a fim de que cada ser possa vislumbrar o sentido de suas vontades singulares e o bom senso no convívio social.

Não seria possível falar em educação estética sem falar em arte. Nesse sentido, ao tratar dessa temática, na obra *Fundamentos estéticos da educação*, João-Francisco Duarte Júnior esboça algumas palavras sobre a linguagem artística:

O homem/mulher utiliza a linguagem para ordenar e significar o mundo, mas ela condiciona sua percepção e seu pensamento. E ainda, construindo a cultura, o homem é por ela constituído. Tal fato ocorre também no domínio artístico: através da arte chegamos a conhecer nossos sentimentos, mas ela amolda-os (educa-os) segundo determinados padrões e códigos simbólicos. Os padrões de nosso sentir são determinados pela nossa época, cultura e, fundamentalmente, pela arte ali produzida. Por ela chegamos a conhecer nossos sentimentos, mas esse conhecimento é regido pelos códigos estéticos vigentes em nosso tempo e nosso meio (2008, p. 106).

De acordo com o que Duarte Júnior menciona, a arte pode vir a fornecer bases em nível de sentimento. Dito de outro modo, conhecendo a arte e a cultura de cada tempo, adquirem-se os fundamentos que permitem

uma concomitante compreensão do sentido e do vivido, possibilitando entender a vida ao longo da história. Numa sociedade onde são cada vez mais estreitos os espaços destinados à imaginação, onde o racionalismo pode ser uma norma de ação, onde até mesmo o prazer precisa ser comprado, a arte pode constituir-se num elemento libertador (DUARTE JÚNIOR, 2008).

Quando utiliza a arte, a educação consegue cumprir esse papel, e, nessa direção, Gilbert Durand (2004), ao tratar do que chama de “zona de pressão imaginária”, estabelecida pelo pensamento contemporâneo, alerta sobre as tentativas reducionistas dessa área das ciências humanas à escolarização e ao adestramento tecnocrático, fazendo uma transferência de poder vital em direção aos horizontes selvagens dos seres humanos.

Ao considerar que, na experiência estética, a imaginação toma os sentimentos propostos pela obra, amplia-os e combina-os em novas modalidades de sentir, chamando a atenção para as dimensões educacionais da arte, Duarte Júnior acaba mostrando aspectos que conduzem homens e mulheres à liberdade, à beleza e ao desenvolvimento que

[...] só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que o homem/mulher sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade como um todo é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação, experiências e ideias (2008, p. 108).

Nesse sentido, inerentes ao processo de desenvolvimento do ser humano estão os processos educativos estéticos, relacionados diretamente à sensibilidade. Conforme Galeffi, “[...] a sensibilidade é definitivamente uma primeira linguagem: uma origem comum. Sensível é o que é afetado em seu modo de ser e aparecer. Sensível é tudo que pode ser tocado e modificado na sua gênese primordial” (2007, p. 98). O ser humano é sensível, e a linguagem fornece-lhe o sistema simbólico básico para que se volte sobre suas experiências e as compreenda, atribuindo-lhes significações.

A discussão sobre educação estética é ampliada quando lhe são acrescentadas atividades em arteterapia, por se tratar de uma proposta de

intervenção na realidade, potencialmente capaz de minimizar as infinitas carências dos dependentes químicos ou dos usuários que abusam de substâncias psicoativas e que fazem parte de grupos de risco.

Desse modo, desenvolvem-se processos educativos e salutares que não buscam o conhecimento da arte em si, mas fazer da arte uma possibilidade de ressignificação da vida e de recuperação da autoestima. Afinal, quando o sujeito não tem acesso àquilo que almeja ou quando ele reprime a expressão dos sentimentos autênticos, um disfuncional emotivo é adquirido.

Assim, sob a égide do termo sentimento é possível abrigar-se várias significações. Em suas acepções mais usuais o termo pode significar (além de uma apreensão direta e emocional): a condição geral de nossos organismos, como a experienciamos, e ainda a sensibilidade a determinados estímulos. Todas essas significações, de certa forma, subentendem que sentir é uma maneira de experimentar mais global, mais primitiva, e anterior à discursividade da linguagem (DUARTE JÚNIOR, 2008, p. 74).

Tenta-se, com isso, demonstrar que mesmo a linguagem “racional” não pode estar dissociada do sensível. Portanto, no ato humano de conhecer o mundo, as relações entre sentimentos e símbolos constituem seus processos fundamentais. O ser sensível necessita de uma educação estética, e a arteterapia propicia a vivência e o reconhecimento de si mesmo e de suas relações no mundo.

Como destaca Galeffi (2007), a educação estética é compreendida como atitude sensível transdisciplinar no acontecimento da arte que pode auxiliar a autoconhecer-se. A sensibilidade, assim, perpassa, transpassa, transcende toda compartimentação possível entre os diversos componentes do ser. Nesse sentido, a educação estética acontece no campo dos afetos e das afecções da alma, em que o sentimento de pertença possibilite a vivência, desenvolvendo aspectos subjetivos que favoreçam as inter-relações pessoais e socioculturais. Um campo onde vozes silenciadas, muitas vezes, no seio da própria família, possam ecoar noutros âmbitos, permitindo certa liberdade de expressão como modalidade de autocompreensão, e pelo desejo de reconhecer-se nos iguais, como se pôde observar no espaço da oficina.

DESCRIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS ENCONTROS

A oficina de educação estética foi realizada em junho de 2012 nas instalações do hospital, em sala apropriada para esse tipo de processo formativo. Todos os participantes sentaram-se em torno de uma mesa retangular, facilitando a interação e a partilha dos materiais. Os encontros, em algumas oportunidades, foram interrompidos por ligações, avisando sobre a presença de familiares, assim como pela necessidade de acatarem solicitações próprias do cotidiano hospitalar em relação às consultas médicas.

Primeiro encontro: a primeira linguagem plástica utilizada foi a de recorte e colagem, oportunizando maior descontração dos participantes. Considerou-se que a atividade desenvolvida

[...] através da escolha de imagens selecionadas em revistas, jornais ou em outros, acrescido da tarefa de ordenação das mesmas, pode trazer para o ambiente arteterapêutico um bom clima para o estabelecimento de vínculos mais firmes para com as futuras tarefas realizadas com outros materiais. (URRUTIGARAY, 2008, p. 65).

Com o uso dos materiais expressivos disponíveis e, eventualmente, da escrita, os participantes contaram fatos relevantes de suas histórias de vida. Ao término da produção de imagens, explanaram ao grupo o significado de suas criações, bem como os pensamentos e as ideias que a produção exposta pretendia transmitir.

Todos aceitaram bem a proposta, demonstrando satisfação em poderem expressar suas ideias, distrair-se, relatar sobre a própria vida e, principalmente, pela oportunidade de serem ouvidos livres de repressões. Quando algum participante demonstrava dificuldade para expressar-se, o grupo apoiava, um dava espaço para o outro falar, e todos, aos poucos, sentiam-se mais à vontade, trocando experiências e afetos. Philippini (2011) reflete sobre a dificuldade de se permanecer nos grupos dessa sociedade ocidental urbana, individualista, hostil, violenta e perigosa, assinalando o grupo arteterapêutico como um território de aconchego, acolhimento e experiências transformadoras.

A maioria dos integrantes fundamentou seus relatos com o apoio da produção artística que criou, falando sobre como foram a infância e a adolescência com a ausência de algum dos pais; o amor que sentiam pelos filhos, as pessoas que amavam e que se afastaram; atividades que faziam antes de terem problemas com a dependência química; escolhas que se arrependeram de ter feito, como estudos e empregos que não concluíram ou abandonaram; e como as drogas afetaram suas vidas. Além disso, os participantes expuseram a tristeza e o sofrimento pelos quais haviam passado e que ainda sentem.

Em destaque, a última pessoa a socializar o simbolismo da imagem encontrou certa dificuldade para se expressar. Ela fez uma colagem dividida em duas partes: do lado esquerdo, representando o passado, colou três figuras, uma com um corpo ensanguentado, outra com uma cena de violência policial da qual se considerou vítima e a terceira com bonecos pendurados pelos pés, com as mãos amarradas e a cabeça para baixo. Esses bonecos podem simbolizar “O Enforcado”, uma carta do Tarô de Marselha que ilustra um homem nessa posição. Sobre esse arquétipo, Nichols infere:

Com as mãos amarradas atrás das costas, o Enforcado se acha tão indefeso quanto um nabo. Está nas mãos do Destino. Não tem poder para modelar sua vida nem controlar seu fado. Como um vegetal, só pode esperar que uma força exterior o libere da atração regressiva da Mãe Terra (1989, p. 217).

A participante também mencionou que seu passado representava morte e falta de amor. Um inseto presente em um dos recortes de revistas expressava um parasita que a sugava, como símbolo das drogas. Do lado direito, representou o presente, colou mais três imagens, uma menina, um menino e uma mulher jovem com as palavras “liberdade” e “alerta permanente”. Sobre isso, falou que as imagens referiam-se a sua filha e ao seu enteado, que são seres muito especiais em sua vida, e à felicidade que gostaria de um dia poder sentir novamente.

Observa-se que, nesse encontro inicial, emergiram vários aspectos pessoais e culturais marcantes, indicativos das relações afetivas marcadas pela violência e do despreparo da sociedade para conter seus membros

em situação de vulnerabilidade.

Segundo encontro: neste dia, compareceram apenas três internos, sendo mencionados como motivos das ausências incompatibilidade de horários com o cotidiano do hospital e a alta de um rapaz. O material utilizado foi a argila, que lhes permitiu extravasar suas emoções, sua agressividade e ansiedade. A vivência foi complementada por músicas de diferentes ritmos que tocavam no rádio que havia na sala, a pedido dos participantes. Antes de começarem a pensar no que fariam, perscrutaram e experimentaram as sensações provocadas pelo contato com o barro. Esse material, aliás, foi utilizado para propiciar uma experiência na tridimensionalidade e perceber as possibilidades de transformação pelas próprias mãos. Segundo Philippini (2009), o manuseio do barro pode despertar energias ancestrais, muito mobilizadoras, ativando rapidamente conteúdos inconscientes, pela condição de material orgânico extremamente plástico.

A tarefa consistia numa visualização e na produção de imagens que ressaltassem o modo como se percebiam naquele dia; após, a forma criada originalmente seria transformada para indicar como gostariam de se sentir futuramente. Apesar de o contato com a argila parecer inicialmente desagradável, todos sentiram prazer em manipulá-la; refaziam suas esculturas quantas vezes precisassem e criavam formas diferentes das que já haviam feito, de acordo com o que queriam expressar. Dois participantes iniciaram moldando prisões, para indicar o sentimento a respeito do hospital e das drogas, que, segundo eles, os aprisionavam no jogo de vida e morte; outro fez uma casa, para expressar que sentia saudades do lar.

A segunda imagem construída deveria significar como gostariam de estar se sentindo. Nessa atividade, uma das mulheres decidiu fazer uma borboleta. Ocorre, porém, que outra decidiu fazer o mesmo. Ambas discutiram, agredindo-se verbalmente, porque tiveram a mesma ideia, tendo sido necessário intervir para que compreendessem que cada uma iria se expressar de um modo diferente, apesar de se apropriarem da mesma forma. Uma delas então falou: “Nós somos duas ‘borboletas’”. Assim afrouxou-se a tensão, e as duas riram do comentário. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, a borboleta é símbolo de inconstância: “A noção da borboleta

que se queima no candeeiro não é nossa particular: *Como as borboletas se precipitam para a sua morte na flama brilhante, lê-se no Bhagavad-Gita (11, 29), assim os homens correm para a sua perdição...*" (2002, p. 138, grifos dos autores).

Diferentemente das mulheres, o rapaz fez uma TV e retratou-se deitado no sofá assistindo o jogo de futebol, em sua casa, lugar onde gostaria de estar. Ao término da produção das imagens, todos compartilharam o significado daquilo que criaram. Queriam representar a liberdade que almejavam em relação à dependência química e ao hospital, bem como a saudade que sentiam das suas casas e seus filhos. O rapaz comentou que estava internado por ordem judicial devido ao fato de ter agredido fisicamente a sua ex-mulher.

Terceiro encontro: a proposta, nesse dia, foi utilizar a pintura, sem tema previamente definido e com expressão livre, para perceber os conteúdos que o grupo trazia. Novamente, solicitaram para ligar o rádio. Philippini (2011) considera a família como o espaço onde se originaram as primeiras dores e sofrimentos, mas, também, os primeiros carinhos e aconchegos, gerando, às vezes, comportamentos inadequados provocados por essas lembranças. Então, o grupo, como espaço entre semelhantes, é o lugar em que podem ser restauradas vivências de proteção e conforto, promovendo a cicatrização de antigas feridas.

A pintura permitiu que os participantes sondassem as diversas misturas das cores, o prazer em construir novas formas e que se surpreendessem com o que eram capazes de fazer. Segundo Urrutigaray, "[...] os principais objetivos da pintura encontram-se em poder experimentar seus afetos e poder conhecê-los melhor, aumentando o conhecimento de si mesmo" (2008, p. 59).

Eles, no entanto, nem sempre conseguiam falar sobre o significado das imagens que criavam, embora imaginassem o que acrescentariam ou como fariam determinadas formas em suas produções, sugerindo novas atividades para contemplar os vários aspectos e formatos que as tintas poderiam oferecer. Surgiram mais borboletas, corações, estrelas e ninhos; estes últimos, provavelmente, imagens primordiais e instintivas de todo ser vivo que busca recolher-se a sua intimidade. Bachelard (2000) explica

que o ninho é necessário para mostrar o ser desvalido que procura um esconderijo, um refúgio onde possa encontrar o bem-estar, exprimindo os dinamismos do retiro nos movimentos do encolher-se que estão gravados em cada músculo.

O aprendizado social, ao mesmo tempo, era capacitado por meio de uma crescente preocupação com o destino dos materiais utilizados, os quais poderiam ser reaproveitados em outros encontros, inibindo, assim, um consumo desnecessário. Esse aprendizado também se refletia na troca de favores, no respeito mútuo, nas ações solidárias entre os membros do grupo.

Ao término das pinturas, os participantes fecharam os olhos e transmitiram uma mensagem uns para os outros, com base naquilo que haviam expressado. Ainda, solicitaram para fazer uma monotipia com as tintas, para finalizar o encontro. Ficavam fascinados, observando os signos que emergiram, pensando em qual título os descreveria melhor. Conforme Ormezzano,

A criação artística oferece a possibilidade de constatação dos sentidos para manifestar-se, explorar o mundo e sua aparência, sair de si e encontrar o Outro. O fato de observar, intensamente, sensibiliza-nos e nos ensina a viver, permitindo-nos dar um sentido ao real (2009, p. 39).

Assim sendo, enquanto criavam, reviam atitudes e ações, planos e problemas sob uma perspectiva diferente, com um olhar mais aguçado para suas emoções e para as pessoas que fora do hospital são parte integrante de suas vidas.

Quarto encontro: diante do interesse dos participantes pelo som, selecionaram-se, para esse dia, temas musicais que promovessem um estado de maior distensão, resgatando os sons de ligação com a natureza (NAMKHAY; BOLLMANN, 2002). Interessados nas linguagens desenvolvidas até o momento, os integrantes do grupo que não puderam participar em datas anteriores, em razão de visitas ou consultas, desejaram recuperá-las de algum modo. Foi sugerido, então, que escolhessem uma das duas últimas experiências, para ser realizada depois que terminassem a proposta do encontro, que foi de isogravura.

Os materiais utilizados foram isopor, lápis grafite, tesoura, tinta guache e rolinhos de espuma. A maioria não conhecia a técnica, e todos ficaram entusiasmados. Os integrantes também poderiam optar por fazer pequenos carimbos com o isopor que sobrasse dos seus recortes. O procedimento consiste em desenhar sobre isopor de modo a marcá-lo ou perfurá-lo e projetar uma matriz sobre a qual são feitas as impressões e reproduções em série de imagens. Os participantes podem modificar detalhes dos desenhos e experimentar várias cores, texturas e misturas nas impressões.

Quando finalizaram as suas impressões sobre o papel, todos relataram suas significações sobre o processo e a razão de terem escolhido determinadas cores e imagens. Optaram por suas cores favoritas e estudaram-nas, pensando em como elas interagiriam. Aproveitavam erros cometidos na impressão para modificar resultados ou pensar sobre o que não fariam ou o que usariam mais. Cada nova impressão permitia uma nova descoberta. Na opinião de Diniz,

A compreensão destas formas simbólicas possibilita o confronto com o inconsciente e a tomada de consciência de seus conteúdos, pois o mundo das emoções e o mundo das coisas concretas não estão separados por fronteiras intransponíveis. Ambos permeiam-se no dia a dia, o que é particularmente manifesto nas obras de artes plásticas e literárias, e a Arteterapia pode aperfeiçoar estes intercâmbios. (2009, p. 32).

As gravuras foram expostas aos colegas do grupo, tendo cada um discorrido sobre os símbolos que havia desenhado. Nas gravuras, surgiram paisagens com riachos, casas, flores e montanhas. A casa, diz Bachelard (2000), pode ser o espaço das solidões profundas, das lembranças sólidas e imóveis, a localização da intimidade; e as nuances de suas cores podem colocar o ser fora do abrigo, num movimento salutar de reconhecimento daquilo que é mais íntimo.

Queriam falar sobre a paisagem da vida, sobre a paz, sobre o amor e seus pontos de vista. Um dos participantes, inclusive, comentou que gostava muito da atividade do atelier, pois, enquanto estivesse em comunhão com todos, criando, não estaria pensando exclusivamente em seu passado e mesmo quando o fazia podia desabafar. Todos concordaram.

Quinto encontro: a intenção, dessa vez, foi reciclar os papéis que se assumem durante a vida, trabalhar com as diversas máscaras que são necessárias no teatro social. Afinal, “[...] as máscaras sociais são aprendidas desde cedo e estão em conformidade com as ocupações profissionais, filiais, estudantil ou de posição social simplesmente” (URRUTIGARAY, 2008, p. 67).

Cada um deveria escolher uma cor de papel reciclado e, a princípio, escrever sobre a folha que papéis não queria mais representar no palco da vida. Todos receberam muito bem essa proposta, pois teriam a oportunidade de refletir sobre que máscaras fácil ou dificilmente descartariam, representando, por um lado, a maneira como vivem e, por outro, a maneira como as pessoas que fazem parte de suas vidas os percebem.

Proseguiram a atividade, triturando o papel em minúsculos pedaços; depois, escolheram outra folha para fazer um mosaico com os papéis triturados. O mosaico assumiria a forma que quisessem. Philippini (2009) fala da importância dessa técnica para reconstruir as situações “fora do controle”, ajudando a reorganizar os afetos e as memórias, atribuindo novo sentido ao que estava confuso.

Os mosaicos foram se organizando em forma de árvore, borboleta e coração. Essa última forma, como sede dos sentimentos e emoções, reflete, de certa maneira, a ação de todos os participantes. As informações que deram a respeito dos seus trabalhos concluídos foram relacionadas, em alguns aspectos, àquilo que haviam perdido, como o amor da família ou de pessoas com quem eram intimamente ligados. Segundo Chevalier e Gheerbrant:

A memória e a imaginação dependem do coração, bem como a vigilância, donde a frase: *Durmo, mas o meu coração vela*. O coração tem papel central na vida espiritual. Ele pensa, decide, faz projetos, afirma suas responsabilidades. Conquistar o coração de alguém é fazer com que perca o controle de si mesmo (2002, p. 282, grifo dos autores).

Eles discorreram sobre as muitas vezes em que perderam o controle, sendo agressivos com os seres que amavam, chegando a situações de extrema violência física e verbal. Almejavam não assumir mais os papéis violentos do passado e aqueles novos papéis que criaram no mosaico tinham

o intuito de relacionar-se a um processo de transformação pessoal e familiar.

Como proposta final desse dia, de olhos fechados, concentrados, ouvindo a música de Daniel Namkhay (1999), deveriam imaginar-se como membros de uma tribo, cuja língua não usava consoantes. Então, poderiam pensar no próprio nome, nesse idioma imaginário composto só de vogais, e imaginar um som que o designasse baseado nas músicas que ouviram. Quando chegou ao final, cada um cantou o som que havia criado para seu nome. Fregtman (1991) infere que o processo educativo implica um movimento do interior para o exterior, uma tendência que pressiona para manifestar-se, assim como a voz, contribuindo na expressão de vivências fragmentadas da realidade numa nova ordem possível.

Sexto encontro: no último dia, estavam presentes apenas dois pacientes do hospital, pois os demais integrantes do grupo haviam recebido alta. Tendo em vista que a música utilizada em encontros anteriores agradara aos participantes, repetiu-se o compositor, que também atua como terapeuta (NAMKHAY, 2005), com a finalidade de promover a distensão enquanto eram convidados a executar quatro desenhos simbolizando uma trajetória heroica. O objetivo era promover uma reflexão a respeito das dificuldades encontradas e das características de cada um que poderiam auxiliá-los a tornarem-se heróis da própria história, exatamente como nos mitos, derrotando, assim, o mal representado pelo impiedoso dragão. Conforme Valladares,

O desenho objetiva a forma, a precisão, o desenvolvimento da atenção, concentração, coordenação viso-motora espacial. Também concretiza alguns pensamentos e exercita a memória. O desenho está relacionado ao movimento, ao reconhecimento do objeto. Tem função ordenadora (2004, p. 110).

O material com o qual iriam desenhar, como lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, pincel atômico, canetas hidrográficas, entre outros, deveria ser escolhido pelos próprios integrantes, que foram incitados a imaginar que estavam andando por um caminho, observando a paisagem, entrando numa casa, com uma sala de projeções onde havia uma tela, na qual apareceria uma imagem frente às perguntas: *de onde eu vim? Para onde eu vou? Que obstáculos há ou pode haver no meu caminho? "O que eu devo*

fazer para vencê-los?” (RAMOS, 1997).

Os participantes nem sempre conseguiam concentrar-se, mas mostraram um sentimento de companheirismo e ajuda mútua, pois ambos compartilhavam experiências frustrantes relacionadas à família e às suas vidas fora do hospital. De acordo com Simom:

[...] em Arteterapia, criar uma imagem é investigar nosso foro mais íntimo, às vezes desconhecido, é encontrar luz em uma fresta, que de tão estreita quase só vemos o escuro. É mergulhar sem saber se há retorno, é aprender a dar liberdade à imaginação, tentando vencer o medo. É descobrir a capacidade de comunicar nossos conteúdos por meio dos materiais expressivos, é poder botar a mão na massa sem autocensura e romper muralhas, descobrindo a capacidade de materializar os sentimentos e as sensações. Criar uma imagem é desenvolver meios de se conhecer, é a possibilidade de conviver com nosso desconhecido, é crescer, individualizar-se (2008, p. 38).

Quando os dois participantes concluíram o último desenho, relataram o que pretendiam com as imagens, demonstrando perceber obstáculos e possíveis soluções em suas vidas. Os últimos dois desenhos do rapaz mostraram um coração preto inundado em lágrimas e uma boca sorridente da qual saía a frase: “Eu sou feliz”. Então, ele parece ter entendido que seu maior obstáculo era o sentimento de tristeza e que só poderia combater esse sentimento por meio de outro maior. Para Chevalier e Gheerbrant: “[...] a boca é o símbolo da força criadora e, muito particularmente, da **insuflação da alma**. Órgão da palavra (*verbum, logos*) e do sopro (*spiritus*), ela simboliza também um grau elevado de consciência, uma capacidade organizadora através da razão” (2002, p. 133, grifos dos autores).

A jovem expressou que as figuras parentais seriam seus maiores obstáculos. Entretanto, encontrou recursos nas forças internas, ao dizer: “como uma boa administradora fiz um planejamento sobre as coisas que não quero mais para minha vida como drogas, codependência, pessoas de má índole, brigas, etc. E, sim, quero procurar Deus, fé e amor”. Entende-se que o processo educador pode contribuir com a regulação dos instintos de agressividade que conduzem a comportamentos violentos, para que essa atitude, conforme Costa e Pimenta (2006), não passe a circular descontroladamente, tornando-se um elemento da própria cultura.

Ambos relataram os motivos desses obstáculos. Quando ela parava com o uso de drogas, seus pais perguntavam se estava “limpa”, e, ao responder afirmativamente, eles não acreditavam; então, ela recaía de propósito para atingi-los. Ele, por sua vez, revelou ter o mesmo tipo de atitude com sua ex-mulher, motivo pelo qual a perdera, o que lhe impedia de conviver mais com as filhas, deixando-o entristecido. Mèlich (1996) afirma, porém, que o imaginário social simbólico não se limita à descrição da origem de um problema, senão que há, também, uma prescrição inerente à ação educativa, entendida como o processo intra e intersubjetivo integrado no universo simbólico. A herança mítica que faz possível a construção da biografia dos personagens aqui envolvidos, que relembram a ausência de pontos de referência coletivos e o vazio identitário, pode reconstruir os símbolos primordiais que conduzem a uma socialidade por meio do processo educativo ético-estético, porque os símbolos são inseparáveis dos valores.

Os internos, em vários momentos, referiram como pensavam em controlar a dependência, como esperavam estar nas próximas semanas, quiçá meses, e como poderiam melhorar para atingir seus objetivos e, principalmente, para estarem bem consigo mesmos. Encerraram-se os encontros e sugeriu-se que dessem continuidade ao tratamento iniciado no hospital, participando das atividades do Centro de Atendimento Psicossocial de Álcool e Drogas (CAPS AD), o que poderia dar um suporte para cumprir seus desejos.

A política brasileira de saúde mental busca consolidar um modelo aberto e de base comunitária para o atendimento nessa área da saúde, ou seja, que garanta a livre circulação das pessoas com transtornos mentais pela cidade, oferecendo cuidados com base nos recursos que a comunidade oferece. Esse modelo conta com uma rede de serviços diversos, tais como os espaços abertos criados para acolher tanto aos pacientes no resgate da cidadania, como aos seus familiares (BRASIL, 2011).

Como já foi exposto, pelo simples fato de a dependência química englobar diversas questões subjetivas, familiares e socioculturais, é necessário pensar em intervenções que não agridam os dependentes e que avaliem fatores tanto individuais quanto do meio onde cresceram e onde

vivem. Aliás, as pessoas que participaram da oficina passaram por problemas familiares relacionados não apenas à dependência e ao uso abusivo de substâncias psicoativas como também à violência do abandono, das brigas, dentre outros tantos tipos de sofrimento físicos e psíquicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os questionamentos que se tem levantado em relação ao cuidado das pessoas em situação de vulnerabilidade e com sua saúde física e mental fragilizada, no Brasil – principalmente no que se refere aos métodos relacionados aos modelos de tratamento que podem incluir ou não abstinência, como também maior número de leitos hospitalares, políticas de prevenção e de proteção – não são suficientes e precisarão considerar, também, os aspectos relativos à educação em saúde, na qual a educação estética possui amplas possibilidades de contribuir. Desse modo, haverá, talvez, menos injustiças como as cometidas contra dependentes químicos e usuários, as quais interferem na relutância presente em muitos casos em procurar auxílio de profissionais competentes, por medo de terem de responder processos criminais.

A educação estética, utilizando-se de vivências arteterapêuticas, pode levar a que essas pessoas revejam suas atitudes frente aos outros e ao ambiente, mas, acima de tudo, pode sensibilizá-las para, com as ações que realizam para consigo mesmas, promover uma melhora em aspectos relacionados à vida afetiva, envolvendo a maturidade de emoções e sentimentos, o desenvolvimento do subjetivo, que contém potencialidades necessárias para enfrentar os próprios receios. A educação estética pode, ainda, levá-las a pensar e a agir de modo a permitirem-se ser felizes novamente, de acordo com suas próprias falas, revendo determinadas escolhas.

Todas as atividades propostas na oficina foram realizadas com muito empenho e interesse dos participantes. Ficou claro o quanto gostaram de poder criar, formar, imaginar, evidenciando-se a importância dada à possibilidade de expressarem-se verbal e fisicamente por meio das imagens

que produziram. Nos encontros, puderam experimentar um ambiente de ajuda mútua, livre de julgamentos, o que permitiu que pensassem e compartilhassem suas reflexões sobre os problemas latentes e a melhor forma de resolvê-los.

Cabe aqui lembrar, no que respeita ao objetivo da investigação, que a significação dada à oficina de educação estética esteve ancorada no significado atribuído às vivências, na reconstrução simbólica do passado, nas decisões que foram tomadas para alterar os rumos das suas vidas. Tais deliberações, cumpre registrar, foram feitas em muitas noites sem sono, molhadas de lágrimas, impregnadas de emoções e impressas nos seus sentidos e na memória como as marcas de tinta sobre o papel.

Por fim, os processos educativos estéticos nesse espaço não formal auxiliaram os participantes, ao aguçarem sua percepção e sensibilidade, ativando o processo criativo e desenvolvendo o autoconhecimento com fins de (re)integração social, constatando capacidades e aumento da autoestima. Eles puderam rever suas frustrações e seus anseios sob o prazeroso prisma das cores, dos traços e das formas. Provocou-se o pensamento em relação à descoberta de novos significados e, também, uma crescente preocupação não só consigo mesmos, mas também com aqueles que os cercam: o futuro dos pais idosos e dos filhos, as atitudes a serem tomadas nesse novo capítulo que iriam adicionar a sua história, sendo ela de sofrimento, busca, luta e, quem sabe, ainda de muitas realizações.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Portal do Ministério da Saúde. CAPS. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=29797&janela=1>. Acesso em: 20 fev. 2011.

CENCI, Angelo V. Reconhecimento, conflito e formação na teoria crítica de Axel Honneth. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 323-342, jan./jun. 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 17. ed. Rio de

Janeiro: José Olympio, 2002.

COSTA, Marcia R.; PIMENTA, Carlos A. M. *A violência: natural ou sociocultural?* São Paulo: Paulus, 2006.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DINIZ, Lígia. Os símbolos e a arteterapia. In: MONTEIRO, Dulcinéa da Mata R. (Org.). *Arteterapia: arquétipos e símbolos*. Rio de Janeiro: Wak, 2009. p. 29-39.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. O retorno do mito: introdução à mitologia: mitos e sociedades. *Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 1, n. 23, p. 7-22, abr. 2004. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/view/363>>. Acesso em: 6 out. 2013.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). *Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas capitais do país: perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil*. Disponível em: <<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/informacoesadicionais.html>>. Acesso: 27 set. 2013.

FREGTMAN, Carlos (com colaboração de GISMONTI, Egberto). *Música transpessoal: uma cartografia holística da arte, da ciência e do misticismo*. São Paulo: Cultrix, 1991.

GALEFFI, D. A. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Educação estética: abordagens e perspectivas*. *Em Aberto*, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MESQUITA, Fábio. A perspectiva da redução de danos. *Boletim IBCCRIM*, São Paulo, ano 20, ed. especial, p. 17-18, out. 2012. Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/site/boletim/exibir_artigos.php?id=4746>. Acesso em: 14 mar. 2013.

MÉLICH, Joan-Carles. *Antropologia simbólica y acción educativa*. Barcelona: Paidós, 1996.

NAMKHAY, Daniel. *Filhos do vento*. Porto Alegre: Luis Alves; Eduardo Sider, 1999. 1 CD.

_____. *Momento presente, momento sagrado*. Santa Cruz do Sul: Estúdio Sol,

2005. 1 CD.

NAMKHAY, Daniel; BOLLMANN, Christian. *A montanha das bênçãos*. Kauai: Bliss Hill, 2002. 1 CD.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1989.

NUNES, Deise Cardoso et al. "...outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas..." In: SANTOS, Loiva M. B. (Org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre: Ideograf; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. p. 15-26.

ORMEZZANO, Graciela. *Educação estética, imaginário e arteterapia*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

ORMEZZANO, Graciela; GALLINA, Franciele S. Adolescentes perdidos na fronteira entre a sombra e a luz. In: ORMEZZANO, Graciela (Org.). *Educar com arteterapia: propostas e desafios*. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 41-64.

PHILIPPINI, Ângela. *Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

_____. *Grupos em arteterapia: redes criativas para colorir vidas*. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

RAMOS, Denise. *Psicologia analítica junguiana: a construção da psique*. Curso oferecido no Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 9 nov. 1997. (Mimeo).

SIMOM, Durvelina. Interfaces entre violência, dependência química, exclusão e arteterapia. In: PHILIPPINI, Angela (Org.). *Arteterapia em revista*. Rio de Janeiro: Wak, 2008. p. 29-42.

SIQUEIRA, Domiciano. Construindo a descriminalização. In: SANTOS, Loiva M. B. (Org.). *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre: Ideograf; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010. p. 65-70.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. *Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VALLADARES, Ana Cláudia A. A arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. In: _____. (Org.). *Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde*. São Paulo: Vetor, 2004. p. 107-127.

ZAUZA, G. V. Violência mascarada. *Rota*, Passo Fundo, p. 10, jul./ago. 2003.